

BILINGUISMO NA CHINA

BILINGUALISM IN CHINA

Li Ye*

Resumo: Bilinguismo é um fenômeno bastante comum no mundo inteiro e se apresenta sob diversas formas. O presente trabalho visa apresentar o caso da China. A China antigamente era constituída por diversos povos, cada um falante de uma língua distinta. Para facilitar a comunicação e manter a união do país, o governo adotou o mandarim como língua oficial da China. Ela é uma língua moderna e simplificada criada com base no dialeto de Pequim. Apesar da criação da língua oficial, as línguas dos povos antigos continuam presentes nas diversas regiões da China, constituindo dialetos completamente diferentes do mandarim na forma fonética. A divulgação do mandarim para a quase totalidade da população se deu principalmente através da educação e da mídia, que obrigatoriamente têm que utilizar somente o mandarim. Ao longo do trabalho são apresentadas a educação do mandarim, sua contribuição para o desenvolvimento do país, as consequências da obrigatoriedade do uso do mandarim, a educação bilíngue que existe em algumas regiões da China e o fenômeno bilíngue decorrente do fato de muitos chineses falarem duas línguas, o mandarim e o dialeto local, alternando entre elas em diferentes contextos.

Palavras-chave: Bilinguismo. Mandarim. Dialetos.

Abstract: Bilingualism is a very common phenomenon all over the world and exists in different forms. This paper presents the case of China. In the past, China was split into different countries, with different ethnic groups, each one speaking a different language. In order to facilitate the communication and keep the union of the country, the government of China has adopted mandarin as the official language. Mandarin is a modern and simplified language created based on Peking dialect. Despite the creation of the official language, the languages spoken by the ancient nations continue in the form of dialects that are completely different from mandarin in phonetics. The education and the media are obligated to use only mandarin and this has contributed to the high divulgation of mandarin for the people all over the country. This paper discusses the mandarin education, its contribution for the development of the country, the consequences of the obligatory use of mandarin, the bilingual education that exists in some regions of China and the bilingual phenomenon due to the fact that many Chinese speak two languages, mandarin and a local dialect, alternating between them in different contexts.

* Mestre em Linguística Aplicada (UFRGS) e doutora em Estudos da Tradução (UFSC), Universidade Federal de Santa Catarina. Email:<professora.mandarim@gmail.com>.

Keywords: Bilingualism. Mandarin. Dialects.

Introdução

O bilinguismo, ou multilinguismo é bem comum nos países do mundo. Existem casos como o do Brasil, onde todas as pessoas falam o português, mas cada região fala com um sotaque diferente, e mesmo assim, as pessoas não têm dificuldade de entender umas às outras - a diferença existe geralmente na pronúncia e no vocabulário. Além disso, no Brasil existem línguas indígenas e também muitos falantes de vários dialetos de alemão. Tem casos como o do Canadá, que tem duas línguas oficiais, francês e inglês. A China, no entanto, constitui um caso um pouco mais peculiar.

Mandarim é a língua oficial da China, mas além do mandarim, se falam diversos outros dialetos e línguas. Na China se considera que o idioma chinês possui uma forma moderna, que se chama mandarim, e também dialetos que se falam em muitas regiões. O chinês é a língua da etnia Han e, por isso, também é chamado língua de Han. O que outras etnias minoritárias da China falam são geralmente consideradas outras línguas diferentes do mandarim, como o caso do tibetano. No Tibet, se fala tibetano, que é uma língua totalmente diferente do mandarim na forma fonética e na escrita. Por outro lado, cada província da China – e no sul até cada cidade e cada aldeia – tem um dialeto próprio. Pessoas que são de diferentes lugares não entendem os dialetos dos outros e esses dialetos são foneticamente totalmente diferentes do mandarim. Apesar disso, a maioria dos chineses escreve igualmente. A exceção é que a forma escrita de chinês moderno no continente é simplificada e nas regiões tais como Macau, Hongkong e Taiwan as pessoas continuam usando a forma tradicional. Para facilitar a comunicação de diferentes regiões, a educação de toda a China somente adota o mandarim, com exceção de regiões de falantes de cantonês, tais como Cantão, Macau e Hong Kong, e regiões onde moram as etnias minoritárias da China, como a Província Guangxi, por exemplo.

Este artigo tem como objetivo apresentar e analisar a situação bilíngue da China. Como objetivos específicos podem ser destacados: responder a muitas dúvidas que linguistas têm sobre as línguas faladas na China, tais como: qual é a relação e a diferença entre o mandarim e os dialetos da China, como o mandarim conseguiu ser divulgado para todo o país, como é a educação do mandarim na China; analisar a influência social que a divulgação de mandarim traz para a China; apresentar como as crianças chinesas aprendem o dialeto local e o mandarim ao mesmo tempo e apresentar exemplos de educação bilíngue, como a que ocorre no Tibet.

O trabalho está dividido em quatro capítulos, que apresentam forte relação. O primeiro capítulo apresenta uma breve revisão da literatura sobre os temas que serão discutidos nos capítulos posteriores. Buscou-se apresentar a visão de alguns autores da área e levantar o que já foi previamente escrito e discutido sobre os assuntos pertinentes. O segundo capítulo apresenta a descrição da educação e da sociedade chinesa no que tange ao bilinguismo. Ao ler o segundo capítulo, o leitor adquirirá conhecimentos sobre a situação atual das línguas faladas na China, sobre a forma de educação do mandarim e seu nível de divulgação, bem como será capaz de entender as diferenças existentes entre as diversas línguas faladas na China. O terceiro capítulo apresenta uma análise que busca comparar o que foi apresentado nos capítulos dois e três, adicionado das contribuições da autora. O quarto capítulo apresenta as considerações finais e conclusões obtidas com o trabalho.

1. Revisão da literatura

Há diversas formas de caracterizar o bilinguismo. De acordo com cada uma dessas definições, pode haver mais ou menos sujeitos bilíngues no planeta. Entretanto, independentemente da definição adotada, o bilinguismo não é um fenômeno isolado e sim uma ocorrência bastante comum no cenário mundial. Romaine¹ afirma que “existem cerca de 30 vezes mais línguas que países”, o que conduz à existência do bilinguismo em praticamente todos os países do mundo. A mesma autora salienta que, apesar desse fato, em muitos casos o bilinguismo é tratado como se fosse um caso especial ou um desvio da normalidade.

As definições de bilinguismo variam entre dois extremos. De um lado, existem defensores da ideia de que um indivíduo bilíngue é aquele que tem um controle de dois idiomas como se ambos fossem nativos². No outro extremo está a definição de Diebold³, que emprega o termo “bilinguismo incipiente” para caracterizar os estágios iniciais de contato entre duas línguas. Entre essas duas definições existem diversas outras, tais como a de Hauge⁴ que afirma que “o bilinguismo começa quando o falante de uma língua é capaz de produzir sentenças com significado em outra língua” ou a de Mackey⁵ que considera bilinguismo como “a alternância de duas ou mais línguas”.

¹ ROMAINE, 1995, p. 8.

² BLOOMFIELD apud ROMAINE, 1995, p. 11.

³ DIEBOLD apud ROMAINE, 1995, p. 11.

⁴ HAUGE apud ROMAINE, 1995, p. 11.

⁵ MACKKEY apud ROMAINE, 1995, p. 11.

1.1 Definições de L1, L2 e LE

O termo língua materna geralmente é empregado para definir a língua que um indivíduo aprendeu primeiro⁶. A ONU adota a definição de que é a língua geralmente falada na casa do indivíduo em sua infância, por mais que essa língua não seja mais usada por ele no presente⁷. De acordo com essa definição, a língua materna não necessariamente é a língua que a pessoa melhor conhece. Romaine⁸ apresenta uma definição de língua materna baseada em competência e a define como “a língua que a pessoa sabe melhor”. Skutnabb-Kangas⁹ apresenta uma série de definições para língua materna: pela origem (língua que aprendeu primeiro), pela competência (língua que sabe melhor), pela função (língua que usa mais), pela identificação interna (língua que mais se identifica) e identificação externa (língua na qual a pessoa é identificada como falante nativo pelos outros). Spinassé¹⁰ compartilha da última visão e afirma que a “Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende”. Além disso, coloca que L1 não necessariamente se trata de apenas uma língua. Por exemplo, um filho de pais brasileiros que moram nos Estados Unidos pode ter tanto português (língua dos pais) quanto inglês (língua da comunidade) como L1. Além disso, são enumerados fatores que devem ser levados em consideração na definição da L1 de uma pessoa:

a língua da mãe, a língua do pai, a língua dos outros familiares, a língua da comunidade, a língua adquirida por primeiro, a língua com a qual se estabelece uma relação afetiva, a língua do dia-a-dia, a língua predominante na sociedade, a de melhor status para o indivíduo, a que ele melhor domina, língua com a qual ele se sente mais a vontade¹¹...

Segunda Língua (L2) é qualquer língua que não seja a primeira e “é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização”¹². Assim como L1, a pessoa pode apresentar diversas L2. A classificação em L1 ou L2 depende dos fatores expostos em Spinassé, ou seja, de como foi adquirida e de qual é a sua função na atualidade. Há, ainda, o conceito de Língua Estrangeira (LE), que é uma língua aprendida sem um contato intenso e

⁶ ROMAINE, 1995, p. 22.

⁷ UNITED NATIONS, 1959, p. 92.

⁸ ROMAINE, 1995, p. 22.

⁹ SKUTNABB-KANGAS, 1988.

¹⁰ SPINASSÉ, 2006, p. 5.

¹¹ SPINASSÉ, 2006, p. 5.

¹² SPINASSÉ, 2006, p. 6.

sem que desempenhe um papel na integração em sociedade. Apesar das definições, o status de uma língua pode ser modificado ao longo do tempo¹³.

1.2 Língua como questão de identidade

Identidade é definida por Norton¹⁴ como “um modo pelo qual as pessoas compreendem a sua relação com o mundo, como tal relação é construída através do tempo e do espaço e como essas mesmas pessoas entendem suas possibilidades para o futuro”. Spinassé¹⁵ afirma que a língua materna caracteriza o indivíduo e está intimamente ligada à sua identidade. Para um indivíduo, sua L1 é uma manifestação identitária pessoal e o caracteriza na comunidade.

Skutnabb-Kangas¹⁶ afirma que nem sempre as crianças minoritárias se identificam com suas línguas maternas. A criança minoritária muitas vezes é discriminada pelas crianças majoritárias, pois o grupo não aceita a criança que não é “tão capaz” na proficiência de língua majoritária quanto os demais. Com isso, as crianças minoritárias acabam por abandonar a sua língua materna. Um grande problema que decorre desse fato é que a língua é um fator de identidade e a falta de interesse nas fases iniciais faz com que o caminho de volta para o grupo original muitas vezes seja fechado, tanto por questões psicológicas quanto linguísticas e culturais. Spinassé¹⁷ afirma que a língua materna muitas vezes representa o laço afetivo entre o indivíduo e a família e entre o indivíduo e a comunidade de fala de origem. Por outro lado, a língua da sociedade é uma forma de identidade nacional. O conhecimento da língua materna é um fator de identidade com sua cultura e seus antepassados e o conhecimento da língua da sociedade é um fator essencial para a integração.

Ao mesmo tempo, Spinassé¹⁸ ilustra que a língua pode ser um fator de exclusão. A autora cita o exemplo dos imigrantes alemães que viviam em suas comunidades como se fossem pequenas ilhas. A língua criava uma barreira entre os imigrantes e os “de fora” e fazia com que não houvesse muito contato entre os povos.

¹³ SPINASSÉ, 2006.

¹⁴ NORTON, 1997, p. 411.

¹⁵ SPINASSÉ, 2008.

¹⁶ SKUTNABB-KANGAS, 1988.

¹⁷ SPINASSÉ, 2008.

¹⁸ SPINASSÉ, 2008.

1.3 Bilinguismo societal

Segundo Appel e Muysken¹⁹, há dois tipos distintos de bilinguismo: o bilinguismo societal e o individual. O bilinguismo societal acontece quando em uma certa sociedade duas ou mais línguas são faladas. Nesse sentido, quase todas as sociedades são bilíngues. Por exemplo, na China, além do mandarim, os chineses falam diversos dialetos locais e no Brasil, além do português, há muitos falantes de dialetos do alemão ou de outros povos que emigraram para o País. Essas sociedades podem ser diferenciadas com respeito ao grau ou forma de bilinguismo. Teoricamente há três tipos de sociedades bilíngues. Na sociedade do primeiro tipo, há duas línguas usadas por dois grupos diferentes e cada grupo é monolíngue. Na sociedade do segundo tipo, todas as pessoas são bilíngues. E na sociedade do terceiro tipo, um grupo é monolíngue e o outro grupo é bilíngue. Em muitos casos o segundo grupo pode formar um grupo minoritário. Talvez não no sentido numérico ou estatístico, mas no sentido sociológico. O bilinguismo individual será explorado no item que segue.

1.4 Crianças bilíngues

No contexto de sociedade bilíngue ou em uma família de pais bilíngues, crianças podem adquirir mais do que uma língua mais ou menos simultaneamente, o que é referido por Swain²⁰, ou podem adquirir uma língua antes da outra, como a idéia de Meisel²¹, tratando-se, em ambos os casos, como aquisição bilíngue (de duas primeiras línguas). Ronjat e Leopold²² escreveram os primeiros estudos sistemáticos sobre bilinguismo na infância. Foi Ronjat quem introduziu o princípio de “uma pessoa - uma língua” como o método mais efetivo para criar uma criança bilíngue em uma casa onde os pais têm diferentes línguas maternas. Por outro lado, este princípio foi referido como “um ambiente - uma língua” por Penfield e Roberts²³, como será apresentado no segundo tipo, apresentado logo na sequência.

Baseada no livro de Harding e Riley²⁴, Romaine²⁵ classificou os tipos principais de bilinguismo na infância em cinco categorias.

¹⁹ APPEL e MUYSKEN, 1992.

²⁰ SWAIN, apud ROMAINE, 1995.

²¹ MEISEL, 1989.

²² RONJAT e LEOPOLD, apud ROMAINE, 1995.

²³ PENFIELD e ROBERTS, apud ROMAINE, 1995.

²⁴ HARDING e RILEY, 1986, p. 47-48.

²⁵ ROMAINE, 1995.

Primeiro tipo: *Uma pessoa – uma língua*. Nesse tipo, os pais têm diferentes línguas maternas e cada um apresenta certo grau de competência na língua do outro. A língua de um dos pais é a língua dominante da comunidade. Cada um dos pais fala a sua própria língua materna para a criança desde o nascimento.

Segundo tipo: *Língua de casa não-dominante / uma língua – um ambiente*. Nesse tipo, os pais também têm diferentes línguas maternas e a língua de um dos pais é a língua dominante da comunidade. Os pais falam a língua que não é a dominante da comunidade com a criança, que somente é totalmente exposta à língua dominante quando está fora de casa, e especialmente, no jardim de infância.

Terceiro tipo: *Língua de casa não-dominante sem apoio da comunidade*. Nesse tipo, os pais possuem a mesma língua materna que não é a língua dominante da comunidade. Os pais falam a língua deles com a criança.

Quarto tipo: *Duas línguas de casa não dominantes sem apoio da sociedade*. Os pais têm diferentes línguas maternas e a língua dominante da comunidade é diferente das línguas dos pais. Cada um dos pais fala a sua própria língua com a criança desde o nascimento.

Quinto tipo: *Pais não nativos*. Os pais têm a mesma língua materna, que é a língua dominante da comunidade. Um dos pais sempre fala com a criança numa língua que não é língua materna dele.

Sexto tipo: *Línguas mistas*. Os pais são bilíngues. Setores da comunidade podem ser bilíngues também. Os pais alternam e misturam as línguas.

Segundo Romaine²⁶, o sexto tipo pode causar mais interferências do que outros tipos, mas muito provavelmente é o contexto que acontece mais frequentemente na aquisição bilíngue “natural” em sociedades multilíngues.

1.5 Programas de imersão

Segundo Gruyter²⁷, programas de imersão de segunda língua ou língua estrangeira são programas baseados em uma escolarização em que pelo menos 50% da instrução de conteúdo é apresentada por meio da segunda língua ou língua estrangeira durante algumas fases da escola primária e/ou secundária. Ultimamente, o programa de imersão é oferecido em várias línguas por diferentes razões, incluindo: (a) enriquecimento linguístico, cultural e educacional; (b) promoção de línguas de patrimônio dentro de membros de comunidades culturais minoritárias

²⁶ ROMAINE, 1995.

²⁷ GRUYTER, 1996.

que já tornaram dominantes em língua da sociedade majoritária; (c) aquisição de importantes línguas regionais; e (d) a manutenção e desenvolvimento de línguas indígenas.

Gruyter²⁸ também classifica as formas de programas de imersão de acordo com a estrutura do programa. As alternativas mais adotadas são: imersão precoce, atrasada (delayed) e tardia. O programa precoce começa no jardim de infância ou na fase preliminar ao ensino fundamental, com alunos de cinco anos. O programa de imersão atrasada geralmente começa na quarta série, com alunos de nove ou dez anos. A imersão tardia geralmente começa nas séries finais do ensino fundamental, com alunos de doze anos.

Entre vários tipos de programas de imersão, há programas para crianças de línguas majoritárias como, por exemplo, o programa de imersão de francês no Canadá e também programas para crianças de línguas minoritárias da sociedade.

2. O mandarim e os dialetos da China

2.1 Uma descrição geral de línguas na história da China

A população da China é constituída por 56 etnias. Entre elas, a Etnia Han é a maior parcela da população e também foi a etnia que dominou o país por mais tempo (a maioria dos imperadores na história da China foi da Etnia Han). Por causa disso, a língua chinesa é chamada e conhecida como *língua de Han* (*HanYu*, em chinês). A língua de Han, hoje em dia, é um conjunto do mandarim e dos dialetos falados por chineses. Na China continental e em Taiwan, o mandarim é a língua oficial; o cantonês é a língua oficial em Macau e Hong Kong. Nos países estrangeiros, muitos descendentes de chineses não usam o mandarim, mas o cantonês ou algum dialeto da língua de Han (o dialeto de origem dos pais) como língua de uso corrente. Mesmo assim, o mandarim é compreendido por quase todos os chineses no mundo.

A língua de Han pertence ao tipo monossilábico e a sua escrita é figurativa. Antigamente, a China era constituída por vários países. Esses países usavam línguas diferentes. O primeiro imperador da Dinastia Qin, logo depois de unir estes países pequenos e formar o grande país da China, pela primeira vez na história da China, unificou o sistema linguístico. Essa medida foi adotada para que todos os princípios políticos pudessem ser divulgados para todo o país e entendidos por todos, minimizando, assim, mal entendidos entre as regiões. Esse

²⁸ GRUYTER, 1996.

acontecimento tem significado muito importante na história da China, especialmente na história da língua chinesa (ou língua de Han).

Mesmo que os povos de diferentes regiões continuassem falando dialetos diferentes, a unificação da língua, especialmente da forma escrita, serviu, incontestavelmente, para a difusão da civilização chinesa. Por causa da unificação, a escrita da língua de Han pode ser utilizada por populações que falam diferentes dialetos. Por exemplo, um mesmo artigo, o leitor pode entender muito bem o sentido das palavras que o escritor usou, mas pronunciar de modo completamente diferente. A língua nesse período, como foi criada para uso oficial, é chamada *Guanhua*, que quer dizer *língua dos funcionários públicos*. Por outro lado, essa língua também se chama *Wen yan*, que quer dizer “língua elegante”. Por muito tempo na história da China, somente os ricos podiam aprender essa língua, e a maioria da população da China continuava falando dialetos. Na forma escrita, houve muitas modificações até a fundação da república da China. O estilo de caracteres considerado como chinês tradicional ainda está sendo utilizada em regiões como Macau, Hong Kong, Taiwan e por alguns chineses que emigraram. A diferença entre o chinês tradicional e o chinês simplificado²⁹, que está sendo utilizado no continente da China, é o número de traços.

Não só desenhar os caracteres chineses é difícil. Como *GuanHua* era uma língua oficial, que praticamente só os funcionários do governo falavam, os chineses raramente falam esta língua na vida diária. Muitos deles nem entendem o que os funcionários falam em *GuanHua*. Isso, no final da Dinastia Qin, tornou-se um problema grave para o desenvolvimento da China. No dia quatro de maio de 1919 houve um movimento de estudantes de algumas universidades da China contra a ditadura do governo chinês. Após esse movimento, alguns professores e estudiosos começaram a traduzir e introduzir livros sobre o Marxismo e outras tendências ideológicas. Durante este período, alguns linguistas e sociólogos opinavam em usar *BaiHua*, que é uma língua gramaticalmente mais simples do que *GuanHua* e mais parecida com a língua oral que o povo chinês falava. Pode-se dizer que o *BaiHua* é a forma embrionária do Mandarim. Muitas pessoas também tentavam simplificar a forma escrita de língua de Han. Eles acreditavam que a simplificação da língua iria ajudar a diminuir a população de analfabetos. Em 1922, foi feita uma proposta de latinizar a língua de Han, ou seja, usar letras latinas, que mostram a pronúncia das palavras, para substituir os caracteres chineses. Entretanto, na língua de Han existem inúmeros homófonos e, por isso, esta proposta acabou por não ter efeito. Por

²⁹ Com o termo chinês simplificado deseja-se remeter ao mandarim, como será descrito na seção 2.4.

outro lado, a China estava numa situação que enfrentava a invasão dos países capitalistas. A guerra contra o Japão e a guerra nacional reduziu a velocidade do processo de simplificação da língua de Han.

Após a fundação da República Popular da China, os líderes do governo começaram a pensar em como melhorar a escolarização do povo chinês. Num país tão grande como a China, para difundir a escolarização era preciso usar uma língua padrão em todo o país. O mandarim foi criado nesse período. Oralmente, o mandarim emprega a fonética do dialeto falado em Pequim, que é a capital da China até hoje. O vocabulário do mandarim foi criado com base nos dialetos falados na região norte da China, e a gramática usa obras clássicas de *BaiHua*. A forma escrita da língua de Han foi simplificada aos poucos. Em fevereiro de 1952, a Comissão da Reforma de Caracteres foi estabelecida. Ela recolheu as propostas dos povos e estudiosos que preconizavam a simplificação de caracteres. No final do ano de 1954, a Comissão apresentou o primeiro esboço do projeto da simplificação de caracteres. Este projeto foi publicado no diário oficial do governo chinês em fevereiro de 1955. Nele existem 515 caracteres simplificados. Depois, em 1964, o governo chinês anunciou mais três listas com 2236 caracteres, no total. Estes caracteres fazem parte dos três mil caracteres do mandarim, que hoje em dia estão em uso mais frequente pelo povo chinês. Além de simplificar a forma escrita, a forma fonética da língua também foi simplificada. A língua de Han tinha antigamente 8 tons em *GuanHua* e, hoje em dia, existem somente 4 tons em mandarim e 7 tons em cantonês.

Em 2000, a China aprovou a lei da língua oficial do país, que entrou em vigor no primeiro dia de 2001. Essa lei, na forma legal, garantiu a posição do mandarim como a língua oral oficial e os seus caracteres simplificados como letras escritas oficiais da China. Daí surgiu o outro nome da língua de Han, que é *língua do país* (*guoyu*, em chinês). Além disso, essa lei considera todos os dialetos falados pelas 56 etnias e os caracteres tradicionais como patrimônio cultural da China, e permite a existência deles em algumas áreas e regiões por muito tempo, desde que não sejam misturados com o mandarim. Por exemplo, nos programas de rádios ou nos filmes, podem existir canais que somente falem algum dialeto; não se pode, no entanto, falar ambos, mandarim e algum dialeto, no mesmo canal. No caso de publicações escritas, somente podem ser utilizados os caracteres simplificados, exceto no caso de caligrafia.

2.2 A diferença entre o mandarim e os dialetos

Além do mandarim, a língua de Han possui muitos dialetos. A razão pela qual podemos chamar o conjunto do mandarim com os dialetos de língua de Han, é que eles usam gramática

parecida (mas não completamente igual) e uma mesma forma escrita de letras. Por isso, mesmo que pessoas de diferentes regiões de dialetos não consigam entender umas às outras oralmente, eles podem se comunicar e transmitir informações no modo escrito.

Por causa das diferenças na fonética, os linguistas estrangeiros geralmente consideram diferentes dialetos da China como idiomas diferentes, mas os linguistas chineses preferem considerá-los como dialetos da mesma língua por causa da semelhança na origem e na gramática. Neste trabalho, ao se fazer referência a educação bilíngue familiar e escolar na China, está-se considerando que o mandarim, todos os dialetos da etnia Han e línguas de outras etnias minoritárias da China são línguas diferentes.

De acordo com Yi Zhong Tian³⁰, na China, os dialetos da língua de Han são divididos em duas regiões (norte e sul) ou em sete tipos. Esses sete tipos são dialetos Norte, dialetos Wu, dialetos Ke, dialetos Min, dialetos Yue, dialetos Xiang, Dialetos Gan. Cada um desses tipos possui vários dialetos parecidos. Wu, Min, Yue, Xiang, Gan são províncias no sul da China e Ke é nome de uma etnia minoritária que tem bastantes habitantes no sul da China. Ou seja, esses seis tipos são classificados como dialetos da região sul; os dialetos Norte pertencem à região norte. Essa maneira de distinguir dialetos segundo a região provavelmente explica porque na china, a palavra *dialeto* tem significado de *língua da região*. A região norte da China é muito diferente da região sul. As diferenças geográficas aparecem nos costumes culturais, nos alimentos e nos dialetos das pessoas destas duas regiões.

Apesar de os dialetos da região norte só serem enquadrados nos dialetos Norte, a população que fala esse tipo de dialeto forma mais ou menos 75% da população total que fala a língua Han. Geograficamente, a região que fala esse tipo de dialetos não só ocupa quase toda a região norte, mas também algumas regiões do sul da China. No total, pessoas que falam dialetos da região norte ocupam também 75% do território do continente da China. Entretanto, mesmo que o grupo de dialetos da região norte tenha uma população tão grande de falantes, entre os dialetos deste tipo não existe muita diferença. A regra fonética e o vocabulário desses dialetos são parecidos. Por isso, as pessoas que vivem em lugares distantes na região norte da China conseguem entender quase tudo o que os outros falam nos dialetos da região norte.

Há uma explicação razoável para este fenômeno: na história da China, a capital do país sempre foi uma cidade na região norte. Pequim já é a capital da China há muito tempo. Como o centro político sempre ficou no norte, a antiga língua de Han, que é o *GuanHua* foi criada e

³⁰ YI, 2006.

começou a ser divulgada na região norte. Ao longo do tempo, o *GuanHua* influenciou os dialetos da região norte e diminuiu as diferenças dos dialetos aos poucos. Antigamente, na região sul da China, além de viverem muitas etnias minoritárias, a população era muito pobre. O sul da China era a região onde o governo costumava soltar os presos ou escravos, que eram pessoas que não tiveram educação e, conseqüentemente, somente falavam dialetos. Na época dos Países Derrotados (nessa época, a China havia se dividido em 7 países e aconteceram muitas guerras entre eles), as etnias (ou países, naquela época) que perderam a guerra e o território, migraram para o sul. Por isso, hoje em dia, no sul da China, há mais etnias e as pessoas falam dialetos bem diferentes daqueles falados na região norte.

Na região sul da China, os dialetos Wu, Ke, Min, Yue, Xiang, Gan são bem diferentes na fonética, e cada dialeto tem seu próprio vocabulário, expressões e construções de frases. Por isso, no sul da China, geralmente nem se pode pensar em entender pessoas de outra província. Mesmo dentro de uma província, quase todas as cidades têm um dialeto diferente. Por exemplo, entre todos os dialetos da região norte, todos falam a terceira pessoa do singular como Ta (a mesma pronúncia para ele ou ela), com somente diferenças no tom ou na duração da pronúncia. Mas no sul da China, tem regiões que falam Yi (nos dialetos Wu, Min), tem regiões que falam Qu (nos dialetos Gan, Ke, Yue) e tem regiões onde se fala de outras formas. Como a palavra para dizer a mesma coisa é diferente, é muito normal que pessoas de diferentes lugares não entendam os dialetos dos outros.

2.3 A educação do mandarim na China

Para o diretor do departamento de popularização do mandarim do Ministério da Educação, sem uma língua comum, as pessoas não conseguem se entender e a situação tem se mostrado um obstáculo ao desenvolvimento social e econômico da China³¹. Essa afirmação mostrou a importância do ensino do mandarim para a escolarização da China. É exigido que toda programação de rádio e televisão sempre use o mandarim, com exceção de programas especiais para pessoas de etnias minoritárias e programas de teatros e óperas tradicionais. Essa providência que o governo chinês tomou tem como objetivo fazer da vida diária do povo chinês um ambiente de aprendizagem do mandarim por imersão.

Para o mandarim poder competir com os mais de 80 dialetos e línguas na China, é exigido também na escolarização o uso exclusivo do mandarim como língua de aula para todas

³¹ ZHONG, 2007.

as disciplinas, incluindo a disciplina *Yu Wen* (língua e literatura chinesa), que ensina tudo sobre a Língua de Han. Nas aulas de *Yu Wen*, os professores falam sobre a história de língua de Han, ensinam a escrita simplificada, a fonética do mandarim e a sua gramática. Os professores têm que saber falar mandarim, independente de sua etnia de origem. Na China, para poder ser professor, é necessário passar em um exame oral de mandarim. Isso favorece a implantação do idioma.

Nos territórios onde moram mais etnias minoritárias do que a etnia Han, a escolarização é um pouco diferente. Por exemplo, no Tibet, onde a maioria dos habitantes é de etnia tibetana, a língua falada diariamente é o tibetano, que é totalmente diferente do mandarim na fonética e na escrita. Segundo o ministério da educação da China, no Tibet, antigamente, só existia ensino da religião tibetana nos templos locais e havia escolas somente para filhos de nobres³². A população de analfabetos e semi-analfabetos correspondia a mais de 90% da população total do Tibet. Para mudar essa situação, o governo chinês aumentou bastante o investimento na escolarização no Tibet. De acordo com a estatística divulgada pela Rádio Internacional da China³³, nos últimos 30 anos o governo chinês investiu 22 bilhões de *Yuan* na educação do Tibet.

De acordo com o vice-diretor da Secretaria de Educação da Região Autônoma do Tibet, é aplicado ativamente o ensino bilíngue (de mandarim e tibetano) para que a cultura da etnia tibetana possa ser herdada e levada adiante³⁴. Um dos objetivos do ensino médio no Tibet é que os formados consigam falar o mandarim e o tibetano. Em muitas outras províncias da China, o mandarim é a única língua usada nas aulas pelos professores e alunos. Apesar disso, com o uso dos dialetos com os membros das famílias e na comunidade, as pessoas que acabam pelo menos o ensino médio geralmente conseguem utilizar e alterar o mandarim e o dialeto local de acordo com a situação.

Na China continental, somente a província de GuangDong ainda utiliza cantonês nos ensinamentos fundamental e médio. Em Macau e em Hong Kong, a escolarização também é quase sempre em cantonês, mantendo a forma escrita tradicional. Contudo, com o desenvolvimento da China Continental e a influência da economia da China no mundo, esses lugares reconheceram a importância de aprender a falar mandarim e estão introduzindo o ensino de mandarim nos cursos superiores.

³² ZHONG, 2007.

³³ Rádio Internacional da China, 2009.

³⁴ Rádio Internacional da China, 2009.

2.4 O nível de divulgação do mandarim na China

De acordo com o jornal *Ultimo Segundo*³⁵, os dados da última pesquisa nacional, realizada em 2004, mostram que somente 53% da população chinesa (que tem 1,3 bilhão de habitantes no total) sabem falar o mandarim. A maioria dos não-falantes de mandarim é de analfabetos e de pessoas com muito pouca instrução.

2.5 A discussão sobre a criação e a divulgação do mandarim e a escrita simplificada

Hoje em dia, há muita discussão sobre a divulgação do mandarim e a sua forma escrita simplificada. Muitas pessoas temem que a divulgação do mandarim vá ameaçar a manutenção da diversidade dos dialetos chineses.

Na minha opinião, há dois grandes problemas: um é o problema político. Para quem aprendeu a forma escrita simplificada, o entendimento das palavras na forma tradicional é mais ou menos fácil. Por outro lado, as pessoas que somente aprenderam a forma escrita tradicional só conseguem entender poucas palavras escritas na forma simplificada. Por isso, a divulgação da forma escrita simplificada da língua de Han dificulta de certa forma a comunicação entre China, Macau e Hong Kong.

O outro problema é cultural. A língua de Han, depois do movimento de *BaiHua*, sofreu muitas mudanças na gramática e no vocabulário. Por causa disso, o mandarim é muito diferente do *GuanHua*. Todavia, o *GuanHua* era usado em quase todos os livros antigos na história da China. Hoje em dia, *GuanHua* é lecionado por mais ou menos 5 anos durante o ensino fundamental e médio, mas somente nas disciplina de Língua de Han, e constitui apenas uma pequena parte da disciplina. Como o *GuanHua* tem uma gramática bem difícil e palavras que não se usam mais hoje em dia, muitas pessoas têm dificuldades de entender livros clássicos e inscrições em antigas peças de arte da China. Os linguistas estão dando cada vez mais importância ao rompimento cultural que o mandarim e a forma escrita simplificada causam. Muitos acham que usar mandarim e a escrita simplificada está ameaçando a conservação do patrimônio cultural e da cultura chinesa. É estimulado, agora, aplicar o mandarim, mas ao mesmo passo conhecer o *GuanHua*.

Além disso, muitas pessoas acham que a escrita tradicional é mais bonita do que a escrita simplificada -- e mais fácil de entender. Como a língua de Han é um dos poucos idiomas no

³⁵ ÚLTIMO SEGUNDO, 2006.

mundo que usam caracteres, dever-se-ia manter a arte caligráfica da China. Com a rápida divulgação de computadores na China, a situação da escrita tradicional melhorou um pouco. Isso se deve ao fato de que no sistema de computador, o programa mais comum de digitar mandarim é segundo a pronúncia de cada palavra. Como a escrita tradicional e simplificada de mandarim seguem a mesma pronúncia, a velocidade e a facilidade de digitar as duas formas é igual. Com isso, algumas pessoas supõem que no futuro, quando conseguirem uma grande difusão do uso de computador em todo o país, a escrita simplificada de mandarim vai perder a importância.

Por outro lado, também há muitas pessoas e linguistas que favorecem a escrita simplificada. Alguns acham que a escrita simplificada é mais fácil para as crianças aprenderem. Outros acham que a escrita simplificada, comparando com a escrita tradicional, é mais fácil para estrangeiros aprenderem, e por causa disso, internacionalmente dever-se-ia divulgar a escrita simplificada. Para resolver o problema de comunicação com regiões como Taiwan, Macau e Hong Kong, bastaria reforçar o ensino de *GuanHua* e não voltar a usar tudo na escrita tradicional. Além disso, com o desenvolvimento da China, as regiões como Macau e Hong Kong começaram a elaborar cursos de mandarim para os habitantes locais e países da Ásia que usam alguns caracteres chineses na língua oficial deles, como o Japão, a Coreia do Sul, a Malásia e Singapura, aplicaram listas de palavras simplificadas. Assim, a dificuldade na comunicação, que a escrita simplificada trouxe, vai diminuindo aos poucos.

3. Análise da situação bilíngue na China

O início da discussão sobre a situação bilíngue da China passa pela definição adotada para bilinguismo. As definições previamente apresentadas na revisão da literatura e que foram propostas por Bloomfield³⁶ e por Diebold³⁷ parecem não atender a essa análise. Pela primeira definição, haveria alguns sujeitos bilíngues na China, mas como toda a educação é feita em mandarim, as pessoas apresentam deficiências nos termos técnicos nas línguas de suas províncias e isso poderia ser um fator para dizer que essa língua não é “perfeitamente dominada³⁸”. Algumas pessoas, por outro lado, pela influência do dialeto local não têm uma pronúncia perfeita do mandarim e isso também poderia ser um indicativo de que o mandarim

³⁶ BLOOMFIELD, 1953.

³⁷ DIEBOLD, 1964.

³⁸ Faz-se alusão aqui aos termos de Bloomfield, que acredita em um modelo de falante nativo ideal que teria proficiência impecável no idioma.

não é “perfeitamente dominado”. Pela segunda definição, praticamente todos os chineses poderiam ser considerados bilíngues, assim como quase toda a população mundial, visto que conhecem algumas palavras e expressões em outros idiomas, por exemplo, inglês. Definir o ponto no qual um sujeito deixa de ser monolíngue e passa a ser bilíngue é uma tarefa que já foi alvo de muita discussão e até hoje não se tem um parâmetro fixo. Para este trabalho, foi considerado um sujeito bilíngue aquele que domina duas línguas (mandarim e um dialeto) de forma que seja capaz de se expressar ao menos razoavelmente em ambas e que seja capaz de alternar entre as línguas em diferentes ocasiões.

Como já exposto, no cenário chinês, muitas crianças dominam apenas o dialeto das suas províncias até começarem a ir para a escola. Até esse momento, as crianças mantêm pouco contato com o mandarim, apenas através da mídia. Pode-se afirmar que a L1 de muitas crianças nessa situação é o dialeto local. No momento em que as crianças começam a ir para a escola, elas mantêm contato direto com o mandarim e passam a ser inseridas diariamente nesse contexto. Aos poucos, as crianças vão adquirindo fluência no mandarim e, na maioria dos casos, o mandarim se torna L1 em conjunto com o dialeto local. Em outros casos, entretanto, os pais deixam de falar o dialeto local em casa e passam a falar mandarim, o que faz com que o mandarim assuma o papel de L1 no lugar do dialeto, que passa a ser L2 ou nem isso.

Como já foi apresentado no capítulo 2, teoricamente todas as sociedades no mundo podem ser consideradas bilíngues. Segundo a divisão dos três tipos de sociedades bilíngues que Appel e Muysken³⁹ apresentaram em seu livro, a China pode ser considerada como do terceiro tipo. Na China, há muitas pessoas que somente falam o mandarim e há pessoas que falam o mandarim e o dialeto local, que é muito diferente do que o anterior. Todavia, o segundo grupo não é principalmente constituído por falantes minoritários. Como Appel e Muysken reconheceram, esses três tipos de sociedades são teóricas e, na verdade, não existem exatamente desta. A China é justamente um bom exemplo da diversidade nas formas de sociedades bilíngues. Há 56 etnias no país. A etnia Han é a etnia principal do país que ocupa 80% da população da China. Dentro do grupo de etnia Han, tem pessoas que somente falam o mandarim, como os cidadãos de Pequim ou as pessoas que esqueceram o dialeto local depois de receber a educação lecionada totalmente em mandarim. Além disso, existem pessoas que são monolíngues porque somente falam o dialeto local de onde moram, e pessoas que são bilíngues porque falam o mandarim e o dialeto local. Dentro dos grupos minoritários, também existem

³⁹ APPEL e MUYSKEN, 1992.

peessoas monolíngues que somente falam o dialeto local ou a língua minoritária da etnia, como no caso dos tibetanos, ou monolíngues que depois de receberem a educação somente falam o mandarim e abandonaram a primeira língua (neste caso o dialeto local ou a língua minoritária). Existem também pessoas bilíngues que não só falam o dialeto local ou a língua minoritária da etnia, mas também o mandarim. Como o caso da China mostra, a situação linguística de muitos países é bem mais complicada do que a apresentada na teoria. Numa sociedade bilíngue pode existir mais de duas línguas faladas e mais de dois grupos envolvidos.

A complexidade da constituição linguística da sociedade chinesa é causada pela existência de várias línguas e de vários dialetos distintos falados no país e pela influência da educação do mandarim em todo o país.

O primeiro fenômeno que vale a pena considerar é o método como as crianças chinesas aprendem a falar. Como citado na revisão teórica deste trabalho, há principalmente seis tipos de aquisição bilíngue na infância. Na sociedade da China, podem-se achar provas de praticamente todos os tipos. Como já mencionado anteriormente, o mandarim é a língua padrão da China e, além disso, existem vários dialetos locais ou línguas minoritárias. Por isso, existem casais nos quais um dos dois fala o mandarim como língua materna e um pouco de dialeto local e o outro fala principalmente o dialeto local e tem um pouco de competência em mandarim -- e cada um fala sua língua materna com a criança. Isso é um exemplo do primeiro tipo de aquisição bilíngue exposto por Romaine⁴⁰.

O segundo tipo descrito por Romaine⁴¹ se vê em famílias onde os pais têm línguas maternas diferentes. Um dos pais fala mandarim como língua materna e também sabe falar dialeto local e o outro fala dialeto local como língua materna. Os pais falam somente em dialeto local com a criança em casa e fora de casa a criança comunica-se com outras pessoas em mandarim (principalmente na escola e nos órgãos governamentais) ou em dialeto.

Também há casais que não falam o mandarim e somente o dialeto local, falando com a criança no dialeto local. Isso caracteriza o terceiro tipo apresentado por Romaine⁴².

O quarto tipo não é muito comum na China, mas também acontece com casais cujos parceiros têm origem em diferentes locais do país. Cada um domina o dialeto da terra natal e um pouco de mandarim. Eles falam com a criança no dialeto deles desde o nascimento.

O sexto tipo é o caso mais comum na sociedade chinesa, porque muitos casais são bilíngues no mandarim e no dialeto local onde moram. Eles falam com a criança nessas duas

⁴⁰ ROMAINE, 1995.

⁴¹ ROMAINE, 1995.

⁴² ROMAINE, 1995.

línguas numa forma misturada. Muitos casais deste tipo não adotam um modo sistemático de ensinar as duas línguas para a criança simultaneamente. Eles alternam as duas línguas ou misturam as duas línguas em situações diversas, numa forma não planejada. Isso muitas vezes causa a interferência na aquisição das duas línguas para as crianças.

Como, porém, na maioria de regiões da China a educação adota somente o mandarim, depois de as crianças começarem a escolarização, alguns casais começam a falar com as crianças principalmente em mandarim, e as crianças rapidamente abandonam o dialeto local e passam a falar o mandarim como primeira língua. Esses casais têm a idéia de que o mandarim é o idioma padrão do país e, por isso as crianças têm que falar corretamente esta língua para terem um bom futuro. Quando isso ocorre, o dialeto local não é considerado algo essencial para a vida das crianças no futuro e acaba sendo abandonado. Especialmente nos lugares mais pobres, os pais acham que o dialeto local vai mostrar a humilde origem da criança e influenciar o desenvolvimento dela na sociedade. Logo, os pais preferem não ensinar as crianças a falarem o dialeto local. Além disso, crianças dos lugares pobres geralmente tentam fazer faculdade e trabalhar em outros lugares mais ricos, onde o dialeto local é diferente e elas somente podem se comunicar com outras pessoas em mandarim. Por isso, para essas pessoas, o domínio do mandarim parece bem mais importante que o do dialeto. Há muitas pessoas que poderiam ser bilíngues e deixam de ser por causa disso. Todavia, também há muitos casais que consideram o fato de falar o dialeto local como a identidade pessoal e depois de as crianças começarem a escolarização, os pais somente falam o dialeto local com as crianças para elas manterem a competência de falar o dialeto local.

Com os exemplos apresentados, podemos perceber que os tipos teóricos aparecem de uma forma misturada na realidade chinesa e que a questão da aquisição bilíngue envolve muitos outros fatores, tais como a política linguística da sociedade, as crenças de pessoas sobre o bilinguismo, a identidade em relação à língua e o fator econômico.

Devido à existência de tantos dialetos diferentes, a língua torna-se um símbolo de identidade na China. O mandarim é considerado como uma língua formal para ser usada nas ocasiões mais solenes. O dialeto é usado nas situações diárias, entre parentes e amigos. Em algumas regiões, como Cantão e Shanghai, o dialeto local é considerado muito importante. Às vezes, se o candidato consegue falar o dialeto local (shangainês em Shanghai e cantonês em Cantão), é mais fácil para ele conseguir emprego nessas duas regiões. Isso não é somente uma questão da língua e identidade, mas também uma questão de economia. Shanghai foi a primeira cidade internacional da China. Naquela época, Shanghai era símbolo de vida rica e moderna.

Então, ser um Shangainês era um fato de prestígio. Muitas pessoas faziam questão de aprender dialeto de Shanghai.

Até hoje Shanghai ainda é uma cidade internacionalmente famosa da China. Contudo, o dialeto mais procurado agora é o cantonês. Isso se deve ao rápido desenvolvimento de Cantão e Hong Kong depois da reforma e da abertura da China. Hoje em dia, na China continental, Cantão e Shanghai são duas cidades que se importam mais com a identidade local e, conseqüentemente, também com o falar do dialeto local. Para os habitantes destas cidades, a terra natal deles é o melhor lugar da China. Caso um migrante queira se integrar na vida local de Cantão e Shanghai, ele tem que aprender os respectivos dialetos locais. Nesse ponto a língua é um fator de integração e de exclusão.

Pode-se dizer que a política linguística na China é aparentemente bilíngue, considerando o fato de que a língua de instrução adotada em todos os níveis de educação é somente o mandarim e muitos chineses falam um dialeto além do mandarim. Todavia, ela acaba sendo monolíngue, porque esta política causa a realidade de que há cada vez mais pessoas que depois de aprenderem o mandarim, acabam abandonando o dialeto local. Isso pode ser considerado como uma consequência de submersão de variedades minoritárias. Além disso, é obrigatório o uso do mandarim em todos os programas de TV, filmes e rádios. Esse grande apoio da mídia contribui bastante para o sucesso da divulgação do mandarim. Por outro lado, em algumas regiões onde vivem muitas etnias minoritárias, cujas línguas próprias são totalmente diferentes do mandarim, existe educação bilíngue. Na província do Tibet, os tibetanos são mais do que 90% da população regional. A língua dominante lá é o tibetano. Para facilitar a comunicação do Tibet com outras províncias da China e melhorar a educação no Tibet, desde 1989 o governo chinês começou a oferecer quatro tipos de educação. No primeiro tipo, a língua de instrução adotada é o mandarim e todas as disciplinas são lecionadas em mandarim. Este tipo pode ser considerado como um programa de imersão total. No segundo tipo, a língua de instrução é o tibetano e o mandarim é usado somente para a disciplina de Língua de Han. No terceiro tipo, até o sexto ano letivo da educação fundamental a língua de instrução adotada é o tibetano e depois, a partir do sétimo ano, a língua de instrução muda para o mandarim. No quarto tipo, a língua de instrução é primeiramente o mandarim, durante todo o ensino fundamental e médio, e muda para o tibetano a partir do ensino superior.

O objetivo da educação no Tibet é desenvolver pessoas bilíngues que consigam falar o tibetano e o mandarim fluentemente. Este objetivo pode ser considerado um objetivo de educação bilíngue. É um dos poucos exemplos de uma real educação bilíngue (educação de instrução de duas línguas) na China que o governo chinês se esforça em desenvolver. A maioria

das escolas no Tibet agora adota o terceiro tipo, que pode ser considerado como um programa de imersão tardia.

A educação tem divulgado muito o mandarim no Tibet, mas também existem muitos problemas para resolver. O problema principal é que a maioria dos alunos tibetanos nunca aprendeu mandarim em casa e se fala principalmente em tibetano na comunidade. Quando a língua de instrução muda de tibetano para mandarim, muitos têm dificuldade em continuar em outras disciplinas além das de línguas. Outras razões têm a ver com a falta de professores proficientes nessas duas línguas, além da escassez de materiais didáticos.

Conclusão

Apesar de ser uma chinesa que já concluiu a educação superior na China e tem falado o mandarim por mais de vinte anos, e de ler muitos livros, jornais e páginas na internet sobre a questão de língua na China, ao fazer este trabalho, ainda sinto muita dificuldade em apresentar toda a rica cultura linguística da China. Creio, porém, que este artigo constitui uma boa introdução para quem tem interesse em conhecer um pouco sobre o mandarim, os dialetos da China e a educação bilíngue familiar e escolar na China.

O surgimento do mandarim, a forma mais moderna, simples e unificada da língua de Han, é uma medida para mudar a situação de a China, um país tão grande, não ter uma língua comum, com a qual todos pudessem se comunicar e de ter a maioria da população de analfabetos. Podemos dizer que, sem a divulgação do mandarim e a escrita simplificada, a China não teria um desenvolvimento tão rápido.

Por outro lado, não podemos esquecer de proteger a diversidade dos dialetos que existem na China e a escrita tradicional. Eles talvez não tenham muita relação direta com o desenvolvimento econômico do país, mas eles são indispensáveis para manter a cultura da China que já se estende por mais de 5000 anos. Além disso, a escrita tradicional apresenta uma linda arte de caligrafia. Economia faz um país rico e forte na política, mas é a cultura que faz uma nação sobreviver e se desenvolver para sempre.

A educação bilíngue no Tibet é uma boa tentativa e um bom exemplo para outras regiões da China onde a maioria da população local é constituída por etnias minoritárias. Por um lado, a educação bilíngue no Tibet ainda tem muitos aspetos para melhorar, como, por exemplo, a formação de mais professores bilíngues e a preparação de melhores materiais bilíngues. Por outro lado, ela é um exemplo de manutenção da cultura linguística local. Muitas outras regiões

deveriam adotar uma educação bilíngue para alunos de etnias minoritárias para eles manterem a língua minoritária deles, bem como sua cultura.

Um ensino totalmente em mandarim que não ensina nada sobre os dialetos ajuda o governo chinês a divulgar uma língua única como o meio de comunicação em todo o país e melhorar a situação de baixo nível de educação na China. Mesmo assim, acho necessário que todas as escolas coloquem uma disciplina sobre o dialeto local. Os dialetos não são somente aparato linguístico, mas também representam a cultura antiga da China que hoje em dia muitos chineses já não conhecem. Assim, as pessoas poderiam manter o contato com o dialeto local na escola e a China poderia manter a grande diversidade de línguas.

Referências Bibliográficas

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. London et al.: Arnold, 1992, p. 1-9.

GOEBL, Hans et al. *Contact Linguistics*. Berlin: Walter de Gruyter, 1996.

GRANET, M. *O pensamento chinês*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HARDING, Edith; RILEY, Philip. *The bilingual family*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

MEISEL, J. M. Early differentiation of languages in bilingual children. In: HYLSTENSTAM, K.; OBLER, L. (Eds). *Bilingualism across the lifespan: Aspects of acquisition, maturity, and loss*. Cambridge: Cambridge University Press. 1989, p. 13-40.

NORTON, B. Language, identity, and the ownership of English. *Tesol Quarterly*, v. 31, n. 3, 1997, p. 409-429.

RÁDIO Internacional da China. Notícia publicado no site oficial em 19 de janeiro de 2009. Disponível em: <<http://gb.cri.cn/18944/2009/01/19/3785s2399676.htm>>. Acesso em: 15 ago 2012.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. Oxford: Blackwell Publishers, 1995.

SKUTNABB-KANGAS, Tove. Multilingualism and the education of minority children. In: SKUTNABB-KANGAS, Tove; CUMMINS, Jim. *Minority education: from shame to struggle*. Clevedon: Multilingual Matters, 1988, p. 9-44.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. *Revista Contingentia*, UFRGS, v. 1, nov. 2006, p.1-8.

_____. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. *Revista Conexão Letras*, Porto Alegre, PPG-Letras, UFRGS, v. 3, n. 3, 2008, p. 125-140.

ÚLTIMO Segundo, Agência EFE. Mais de 40% dos chineses não sabem falar mandarim. 5 set. 2006. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/materiais/cultura/2511501-2512000/2511603/2511603_1.xml>. Acesso em 25 fev. 2008.

UNITED Nations. Studies in Methods. *Handbook of population census methods*. v. 3. Demographic and social characteristics of the population. New York: Department of International Economic and Social Affairs, Statistical Office, 1959.

YI, ZhongTian. *Da hua fang yan*. Shang Hai: Shang hai wen huachu ban she, 2006.

ZHONGGuo Jiao Yu Bu. Xi zang jiao yu (Educação no Tibet). Disponível em: <www.china.com.cn/aboutchina/zhuanti/06xzsz/txt/2007-02/16/content-7839909.htm>. Acesso em: 20 fev 2008.